

Elo antropológico brasileiro

VANESSA CAMPOS

vanessa.campos@diario.com.br

Ele é um marco na antropologia brasileira que transcendeu as fronteiras do país. Foi autor da primeira revista da ciência que estuda as relações e a evolução do homem, além de ter sido professor e responsável pela criação de disciplinas e da escola de comunicação e artes em uma das universidades mais renomadas do Brasil, a Universidade de São Paulo (USP).

Egon Schaden, que faleceu em 1991, nasceu em São Bonifácio. Ao ser lembrado por familiares e seguidores de sua sabedoria, é sinônimo de nobreza e solidariedade.



Com o cachimbo na mão, uma das suas marcas registradas, o antropólogo em seu escritório em São Paulo

VANESSA CAMPOS

Ele cresceu ao som de dialetos alemães, do bom português do pai e da língua indígena, que lhe tornou especialista na cultura Guarani. Sua bagagem educacional iniciou ali mesmo, na pequena colônia São Bonifácio, com atualmente pouco mais de 3 mil habitantes, e que foi habitada no passado por índios nômades, imigrantes católicos e luteranos, emigrados da Alemanha.

O pai, o alemão Francisco Schaden, chegou ao Brasil no

início do século 19, entre o fim das Guerras Napoleônicas e o início da Primeira Guerra Mundial. Foi o primeiro professor de São Bonifácio e organizador comunitário. Egon, o filho mais velho de 11 irmãos, foi o único a seguir os passos do pai no domínio das letras.

Aos 12 anos, após uma visita do governador Adolfo Konder ao município, Egon foi apresentado com uma bolsa no Ginásio Catarinense – hoje Colégio Catarinense, em Florianópolis. O caminho rumo ao domínio da antropologia começou nessa época, que posteriormente

o encaminhou para o curso de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde se formou em 1937.

Na lembrança de sua irmã do meio, Thecla Schaden, 86 anos, Egon foi um homem sério e reservado, mas que nunca esqueceu da família e da cidade em que nasceu, onde adquiriu a raiz do conhecimento que o levou para o sucesso na carreira acadêmica. Apesar de ter ido jovem morar em São Paulo, Thecla conta que o irmão sempre a visitava no fim do ano.

A recordação do tio para Rosane Schaden Preuss, 46 anos, é breve e certeira: sempre com o

cachimbo na mão. Quando visitava a família, Rosane tem na memória a imagem de Egon sentado na cadeira de balanço da avó, pensante e fumando cachimbo, hábito que herdou do pai e dos índios que conviveu ao longo da vida.

– Tenho até hoje uma boneca Suzy que ele trouxe para mim. Gostava muito quando ele vinha nos visitar com os filhos e sua mulher.

A sobrinha, que hoje procura resgatar a história do tio para comemorar o centenário do nascimento, revela que seu pai, irmão de Egon, sempre co-

brava dela anotações (diário) e cartas para manter o contato com a família. Na lembrança dos 15 anos, uma carta que escreveu ao tio e a resposta, com o presente *Índios Caboclos e Colonos*, livro escrito por Francisco, seu avô.

– Meu pai sempre falava do meu tio com carinho e respeito. Hoje me arrependo de não ter absorvido tudo que ele contava para gente. Lembro que ele mandava revistas e correspondências da Alemanha, em época de estudos – recorda

vanessa.campos@diario.com.br

100 anos de história



Egon com o neto Camilo, em 1984



A filha Marina e a esposa do antropólogo



No colégio onde o pai foi o primeiro professor (sentado, no centro)



Os pais de Egon, Francisco e Margarete



No dia do seu casamento

Um pai dedicado e um professor marcante



MARINA SCHADEN, professora e filha caçula de Egon



ÉRICA SCHADEN, comerciante e filha do meio de Egon

Falar sobre Egon Schaden certamente não é uma tarefa fácil. Estamos aqui, Érica e eu, nos emocionando com as lembranças de nosso pai. Quando pensamos em Egon Schaden é importante falar da ética que sempre permeou sua existência. Não me lembro de alguma vez ter levado uma bronca ou uma palmadinha. Bastava um olhar para que entendêssemos o que queria dizer. Não era medo e sim muito respeito. Educou seus filhos pelo exemplo. Uma de suas características mais marcantes era seu humor sutil. Se divertia contando piadas e brincadeiras usando sua expressão mais séria. A graça era esperar quanto tempo o ouvinte levaria para descobrir que se tratava apenas de uma provocação. Não houve Natal ou aniversário sem que seu presente para os filhos não fosse um livro. Quando estava ausente, em suas frequentes viagens, lembrava de endereçar um postal para cada filho, e a coleção era colada em um álbum que até hoje tenho guardado. Foi um avô muito generoso. Aos netos eram permitidas pequenas traquinagens, das quais até participava. Saudades grandes de nosso pai.



PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, sociólogo, cientista político e político brasileiro. Também é professor emérito da USP



Fui aluno do Egon Schaden na primeira metade da década de 1950. Com ele, aprendi algo de antropologia física e, principalmente, vi como os antropólogos podiam focalizar seus estudos em comunidades muito mais complexas do que as indígenas – nas quais tinham primazia – e apontar processos para os que a sociologia está mais preparada. Os estudos de Schaden sobre os alemães são exemplos disso. Do mesmo modo, sobre influência dele, Ruth Cardoso fez seus estudos sobre os japoneses e assim muitos outros alunos. Foi um professor de deixar marca.



Texto do ex-presidente em homenagem ao catarinense